

Tradução e cultura: a influência do léxico espanhol nos textos da música nativista sul rio grandense*

Carla Regina Santin

carla.rsantin@gmail.com

Universidade Federal da Fronteira Sul-UFFS

Resumo:

Este artigo tem por objetivo demonstrar a influência da língua espanhola no linguajar do gaúcho brasileiro através da música nativista e na tradução de uma cultura reconhecida por brasileiros, argentinos e uruguaios. Estes três países apresentam características que os unem pelo modo de viver e pensar o mundo, ou pelo modo de ser do gaúcho, aqui entendido como aquele que preserva e segue as tradições campeiras. O léxico castelhano está muito presente em letras de canções nativistas, utilizado muitas vezes para tradução de um sentimento e uma cultura

Palavras-chave: Linguajar gaúcho. Música nativista. Cultura. Tradução.

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo demostrar la influencia del español en la lengua del gaucha brasileño, por medio de la música nativista y la traducción de una cultura reconocida por los brasileños, argentinos y uruguayos. Estos tres países presentan características que los unen por el modo de vivir y de pensar el mundo, o por el modo de ser del gaucha, aquí entendido como aquél que preserva y sigue las tradiciones campesinas. El léxico castellano está muy presente en las letras de las canciones nativistas, utilizado muchas veces para traducir un sentimiento y una cultura.

Palabras clave: Lengua gaucha. Música nativista. Cultura. Traducción.

Abstract:

The purpose of this paper is to demonstrate the influence of the Spanish language in the language of the Brazilian gaucha, by means of nativista music and the translation of a culture recognized by Brazilians, Argentines and Uruguayans. These three countries have characteristics in common like the way of living and thinking about the world, or the idiosyncrasy of the gaucha, defined here as one that preserves traditions and follow the foragers. The Spanish lexicon is very present in the lyrics of nativist songs, often used to translate a feeling and a culture.

Keywords: Gaucha. Nativist music. Culture. Translation.

1. Introdução

A música nativista e tradicionalista gaúcha e a cultura do povo sulino são preservadas ao longo dos séculos, como se pode notar, de acordo com a Confederação Brasileira de Tradicionalismo Gaúcho (CBTG), pelos 2752 Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) existentes no Brasil, sendo 2609 apenas na região sul do país. Tradições essas que podemos reconhecer em alguns povos hispanofalantes, principalmente argentino e uruguaio, o que torna esses países ainda mais próximos culturalmente.

* Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

A cultura pampiana em questão é reconhecida e caracterizadora da região estudada, mas apesar da presença do léxico espanhol na fala de gaúchos sul - rio grandenses perceptível em músicas nativistas que fazem uso de léxico castelhano ou de algumas de suas regras gramaticais, traduzindo-as ao português, como o caso do diminutivo espanhol “ito”; da proximidade cultural com estados vizinhos como Santa Catarina e Paraná, além das semelhanças com países fronteiriços e da lei que implanta o espanhol na grade curricular de instituições públicas e privadas de educação básica, este idioma ainda é alvo de preconceitos e estereótipos.

Se analisarmos o léxico da língua portuguesa encontraremos muitas palavras que derivam da língua espanhola. Em casos específicos, como na região sul do Brasil, principalmente Rio Grande do Sul, oeste de Santa Catarina e algumas regiões do Paraná, isso fica ainda mais claro.

2. Aspectos iniciais

No que tange ao linguajar gaúcho sul rio grandense, podemos considerar como algo resultante do contato de várias línguas, como: ameríndia, açoriana, espanhola e dos povos emigrantes, italianos e alemães. Mas o contato que prevalece até hoje é com a língua espanhola devido às fronteiras entre Brasil, Argentina e Uruguai, ocasionando empréstimos linguísticos ao dialeto gaúcho.

Entretanto, se faz necessário especificar o termo “gaúcho”, que pode ganhar mais de uma interpretação.

No dicionário Aurélio, a definição de gaúcho é: “s.m. rio grandense do sul”; ou seja, nada mais é do que um gentílico para quem nasce nesse estado brasileiro. Já, de acordo com Branco (2011), o *Dicionário de Regionalismos do Rio grande do Sul* traz dezesseis páginas de definição, e além do gentílico, apresenta como um povo característico que trabalha no campo na lida com o gado, assemelhando-o a mesma função desempenhada pelos argentinos e uruguaios que vivem no campo.

Em contrapartida, no *Diccionario del Español de América*, Branco (2011) relata que são encontradas três páginas para descrever este termo; e que é tratado como homem do campo do Rio da Prata:

“hombre de campo del Río de la Plata”. Depois dessa acepção, aparece a descrição do gaúcho. Se antes o sujeito lexicógrafo fala em “jinete [...] diestro en los trabajos de la ganadería”, depois fala que esse tipo de gaúcho foi desaparecendo. Quem sabe por que a imagem de gaúcho de adestrador de gado não é a do gaúcho de hoje. Por um lado, o sujeito dicionarista aponta que o gaúcho destro nas lidas do campo está desaparecendo, mas por outro lado, ele afirma que a idealização do gaúcho prevalece. A idealização do gaúcho é a de “arquétipo humano, poseedor de las máximas virtudes viriles en que el hombre rioplatense quiere verse retratado”. Depois, segue coma adjetivação do gaúcho, partindo de homem sóbrio, de poucas necessidades, passando por homem que ama sua liberdade, chegando a generoso e leal. Após, segue a etimologia da palavra. Apresenta que o termo gaúcho nasceu da tríade Argentina – Uruguai - Brasil (p. 3).

Esta citação demonstra, segundo a autora, que apenas no dicionário espanhol é colocado o sujeito “gaúcho” como pertencente aos três países fronteiriços, o que

nos leva a entender que no Brasil o termo gaúcho acaba representando somente o cidadão que nasce no Rio Grande do Sul, ou seja, é apenas um gentílico.

Com relação a esse tema, cabe ainda lembrar que nem sempre o vocábulo “gaúcho” foi visto com bons olhos. Assim como traz também o dicionário supracitado:

O gaúcho no século XVIII era sinônimo de changador, gauderio, tendo uma imagem de ladrão de gado, nômade, perverso. No século XIX, essas acepções mudaram. A incorporação desses gaúchos no exército passou-se uma imagem de melhor estima. Depois das revoluções, a vida no campo mudou, o gaúcho passou a assentar-se nas estâncias. A Literatura e a História, a partir do século XIX, fizeram com que a imagem do gaúcho fique para a posterioridade. Todas essas definições aparecem no verbete “gaúcho” do dicionário de língua espanhola (BRANCO, 2011, p. 4).

Todas essas concepções sobre o que é ser gaúcho apontam para uma direção, a de que a fronteira só ocorre para questões políticas. Quando falamos em questões culturais isso já não é notado, pois países fronteiriços se assemelham culturalmente, principalmente neste caso, o gaúcho dos pampas sul rio grandenses, argentinos e uruguaios.

Particularmente nesta pesquisa, será abordado o termo “gaúcho” como aquele nascido ou criado nos *pampas*, seja da Argentina, Brasil ou Uruguai, e que se identifica com a vida campeira e com os costumes e tradições desse povo.

Com essa questão, podemos fazer considerações sobre o conceito de fronteira. Primeiramente, é necessário que se conceitue o que são limites, que de acordo com Rivas (2010, p. 3) “*toda propriedade ou apropriação é marcada por limites visíveis ou não, assinalados no próprio território ou numa representação do território: plano cadastral ou carta topográfica*”. Ou seja, os limites são as divisas perceptíveis ou registradas. Nesse processo, temos inculcado que fronteira, então, é o espaço que envolve esses limites e que pode além de separar, integrar mais de uma cultura, como afirma Garcia (2010, apud LAFIN, 2011, p. 10): “*um portal que muda o status das pessoas e das coisas. Uma zona de transição. Com este poder quase mágico, uma fronteira pode libertar ou aprisionar. Pode antagonizar. Mas pode também integrar*”.

Podemos considerar, devido a isso, que a fronteira também é algo social, e que geralmente vai ser interligada pela língua, que só existe devido a seus falantes, sendo que estes promovem o contato entre elas. Toda essa atmosfera gera o contato social e cultural, e que muitas vezes determina um modo de ser de um povo, graças à aproximação com outras culturas.

É essa aproximação que ocorre no Brasil, como na região sul, entre Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, que mesmo com a delimitação de fronteiras, o não contato entre as línguas foi impossível, pois os locais fronteiriços acabam sendo uma forma de convívio social entre povos de culturas distintas ou semelhantes, e que interferem e condicionam novos hábitos, mudanças no linguajar e no modo de viver.

Vejam um pouco mais sobre a influência do castelhano no linguajar gaúcho brasileiro.

3. A influência do léxico espanhol no linguajar gaúcho brasileiro

De acordo com Laytano (1981), o linguajar gaúcho apresenta muitas semelhanças com o espanhol rio-platense, ao que ele chama de espanholismos. São palavras, expressões e regras gramaticais que foram introduzidas ao dialeto sul rio grandense. Para o autor, não foram apenas questões de fronteira que influenciaram na troca linguística, mas também a semelhança entre atividades econômicas, sistema cultural, relações humanas e históricas muito intensas.

Cabe ressaltar também que há muitas palavras de origem castelhana que foram modificadas, traduzidas e adaptadas à língua portuguesa, o que só fez aumentar a influência da língua espanhola no linguajar brasileiro, como podemos ver no texto de Laytano (1981):

A coleção de espanholismos, termos rio-platenses e os de ambas as procedências, mas modificados e adaptados ao português falado no Rio Grande do Sul, é realmente enorme: changador, arreglar, alambrado, repecho, mantener, matambre, pajonal, malo, cojetilha, caña, carajá, calaveira(...). Incluem-se os vocábulos terminados em -aço: guascaço, buenaço, etc., e os que finalizam em -ito: gauchito, malito, tranquito, etc. que sempre foram importados pelas vias espanholas e platinas (p. 50).

A essas mudanças no linguajar de um povo, Guimarães (2005) chama de língua franca, isto é, a língua utilizada por uma comunidade de fala com línguas maternas diferentes, neste caso, o português brasileiro e o espanhol, entendendo língua materna como aquela que estabelece relações em uma sociedade através de uma única língua.

Podemos afirmar então, que o linguajar gaúcho pode ser considerado uma língua franca devido a sua junção entre a língua portuguesa brasileira e a língua espanhola da região de Rio de La Plata, que engloba Argentina e Uruguai. Porém, este conceito não deve ser atribuído somente ao linguajar da fronteira, pois a cultura sul rio grandense atinge vários pontos do país, principalmente oeste de Santa Catarina, regiões do Paraná e Mato Grosso do Sul, além da extensão do próprio estado do Rio Grande do Sul.

Grande parte da influência gaúcha no Brasil ocorre, principalmente, devido a hábitos cotidianos como o chimarrão, o churrasco, a vestimenta, a dança e a música folclorista, que é rememorada e cultivada em espaços como os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs).

A presença da língua espanhola é bem evidente em músicas nativistas, o que marca o linguajar dos gaúchos brasileiros e aproxima as culturas de gaúchos argentinos e orientais (como são chamados os uruguaios), como veremos mais adiante.

3.1. Tradicionalismo X Nativismo

Inicialmente, faz-se necessário a distinção entre músicas nativistas e tradicionalistas. De acordo com Mendonça (2011) é difícil distinguir os dois movimentos, pois ambos tratam do amor ao Rio Grande do Sul, cantam o que há de belo na querência, e “vestem” a indumentária gaúcha.

Definir o tradicionalismo e o nativismo parece ser tarefa simples quando se lê as palavras num dicionário, contudo decifrar os movimentos representados por estes dois "ismos" é mais complexo. Saber quem são e o que pensam as pessoas que formam estes dois grupos que se complementam e às vezes se confundem requer uma análise mais profunda do que uma simples frase, muitas vezes preconceituosa. Entender o que pensam os membros destes dois grupos de indumentárias distintas e outras vezes tão semelhantes é complexo. Decifrar estas duas tribos com guerreiros aquartelados nos Centros de Tradições Gaúchas (CTGs) ou nos ginásios de esporte que viram cenários para os festivais, não é fácil (p 1).

Por outro lado, o autor traça também suas principais diferenças que, segundo ele, se concretizam pelo fato de o tradicionalismo ser coordenado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), no qual há uma estrutura hierárquica a ser seguida, para que se mantenha viva a chama da tradição nas gerações subsequentes. Enquanto no nativismo, não há uma estrutura específica que o mantenha, pois é um movimento pautado na identificação cultural e artística de seus membros.

Além disso, uma das diferenças mais importantes para a elaboração desse artigo, é que na música tradicionalista dificilmente encontraremos espanholismos, pois os tradicionalistas veem os hispanofalantes como inimigos ainda do tempo de lutas por território; enquanto em músicas nativistas o léxico castelhano se faz muito presente, uma vez que esse movimento se pauta pela identidade cultural, como já mencionado.

3.2. Aplicação da Teoria da Tradução

Percebendo que o léxico espanhol presente nos textos da música nativista pode ser visto sob a ótica da tradução, serão abordados no presente artigo alguns aspectos de teóricos dessa área de estudos, para a partir deles, comprovar a ideia inicial da relação: léxico espanhol de músicas nativistas X tradução.

O léxico espanhol presente nas músicas nativistas pode ser analisado através das ideias de Antoine Berman, autor pertencente à área de Estudos da Tradução. Berman (2013) destaca e explora os conceitos e elementos presentes na tradução feita de forma etnocêntrica e de forma hipertextual. De acordo com o autor, o termo etnocêntrico refere-se a tudo que se volta a sua própria cultura, suas normas e valores, e que considera o estrangeirismo como algo negativo ou simplesmente, algo que pode agregar para o aumento da riqueza cultural. Tudo o que for de outra cultura é nacionalizado no processo tradutório, e o foco recai ao destinatário do texto final. Com esse tipo de tradução, elementos ricos do texto original, como aspectos culturais e quaisquer outras informações são apagados, fazendo com que a ponte intercultural inexista como umas das qualidades da atividade tradutória.

Já o conceito de tradução hipertextual diz respeito “a qualquer texto gerado por imitação, paródia, pastiche, adaptação, plágio, ou qualquer outra espécie de transformação

formal, a partir de um outro texto já existente” (p.40). Este conceito de tradução culmina em um produto diferente do conceito anterior, pois agora o tradutor se foca no autor do texto original, em que faz um esforço para manter os elementos culturais apresentados no texto fonte. Por outro lado, é preciso ressaltar que não existe uma tradução que seja 100% estrangeirizante, pois resultaria em um texto enfadonho, no qual haveria muitos tropeços por parte do leitor ocasionados pela falta de conhecimento prévio.

Outro ponto destacado pelo autor é a questão da fidelidade ao sentido do texto original. Quando se opta por manter o sentido no processo tradutório, ocorre uma mudança no que se refere à letra do original, ou seja, há uma infidelidade à letra estrangeira, mas ao mesmo tempo, uma fidelidade à própria letra:

A fidelidade ao sentido opõe-se à fidelidade à letra. (...) Mas esta infidelidade à letra estrangeira é necessariamente uma fidelidade à própria letra. O sentido é captado na língua para a qual se traduz. Para tanto, deve ser despojado de tudo que não se deixa transferir (BERMAN, 2013, p. 45).

A teoria supracitada nos leva a acreditar que o texto traduzido, de qualquer forma, será sempre uma “traição” ao texto original. Traição esta que faz parte do processo tradutório, pois se opta pela manutenção de sentido ou pela preservação da estrutura e letra do texto fonte. Em qualquer uma das opções, o produto tradutório será outro, que não o texto original. Daí vem a expressão italiana *traduttore, traditore*, a qual faz um jogo linguístico com as palavras traição e tradutor, deixando claro que sempre haverá traição em qualquer forma tradutória.

Entretanto, Berman (2013) aponta algumas maneiras de manter o sentido sem mudar a letra. É a utilização da exotização das redes de linguagens vernaculares, isto é, através de grafos em itálico, mantêm-se o vernáculo em sua forma original, apropriando-se de seu real sentido, sem estereótipos e ridicularização do termo estrangeiro, ou seja, é o método da manutenção cultural do estrangeiro através do léxico. Um exemplo disso na língua portuguesa brasileira são as palavras *mouse* e *campus*.

Muito se acredita que tradução, em seu sentido estrito, seja somente equivalência lexical entre duas línguas, o que é um grande equívoco, pois se deve considerar essencialmente o público meta, analisando sua cultura e necessidade, mas sem, é claro, deixar de considerar a intenção do autor traduzido. Laiño (2010) corrobora com essa informação:

Para se ter uma noção, é apenas na graduação de Letras que os alunos se deparam com a teoria funcionalista e, a partir daí, repensam o conceito que tinham sobre tradução, deixando de acreditar que esta ocorre somente a partir de códigos meramente linguísticos. Esta nova visão teórica engloba todo o contexto cultural, já que a tradução e toda a escrita estão sempre permeadas pela cultura do sujeito e também repletas de intenções. Como dito anteriormente, a cultura não pode ser vista como algo separado da língua, os dois conceitos caminham juntos e, portanto, está claro que quando se escreve algo, ou se traduz algo, estamos deixando transparecer nossos traços culturais através da nossa escrita, da nossa língua (p. 34-35).

Além disso, podemos creditar as ideias da autora alemã Christiane Nord, a qual apresenta uma teoria funcionalista da tradução, já iniciada por Hans J. Vermeer, e que vai de encontro com a citação supracitada.

De acordo com a autora, o processo tradutório deve considerar os aspectos culturais, ou seja, deve fazer uma comunicação intercultural, pois texto base e texto meta podem estar, e geralmente estão inseridos em culturas distintas. O que deve ser feito então, é uma adequação ao destinatário da tradução, mas sem perder a intenção inicial do autor do texto de partida.

Ainda nessa questão, devemos explicitar o conceito da Teoria do Escopo criada por Vermeer, e que visa principalmente o fator comunicativo da tradução, função essa que deve cumprir o texto meta. Portanto, a relação entre o texto fonte e o texto meta deve seguir o conceito de coerência intertextual (fidelidade), ou quando há uma mudança de função textual, o segundo deve adequar-se ao escopo, ao propósito comunicativo (NORD, 2010).

De acordo com Laiño (2010), o êxito na comunicação de uma tradução está essencialmente relacionado com os interlocutores, os elementos linguísticos e os receptores, formando um “jogo comunicativo”, no qual os participantes não são neutros, pois já possuem conhecimento de mundo e são carregados culturalmente, o que os leva a criarem expectativas com relação a textos e leituras.

Nesse sentido, os autores supracitados se relacionam por considerarem a cultura como algo essencial em um processo tradutório, sem separá-la da sociedade. E, a fim de encontrar e apresentar questões tradutórias, focadas tanto em elementos linguísticos, como culturais, a seguir serão apresentadas as canções nativistas analisadas, conforme a teoria apresentada.

4. Canções analisadas

Foram escolhidas três canções de dois expoentes da música nativista: Cesar Oliveira e Rogério Melo e Luiz Marengo. Para essa escolha, foi utilizado o seguinte critério: estar entre as mais ouvidas no site de entretenimento *Kboing*, um dos sites mais acessados para ouvir música na região sul. Na sequência são apresentadas seis canções: Apaisanado, De vida e tempo, Recuerdos, Cruzando na Villa Ansina, Dobrando os pelegos e Flor de yuyo; primeiramente de Cesar Oliveira e Rogério Melo e em seguida as de Luiz Marengo.

Canção 1: Apaisanado (Anomar Danúbio Vieira)

Floreio o bico da gansa
Nesta gateada lobuna
A melhor das minhas alunas
Na doma tradicional
Por favor não levem a mal
Este meu jeito fronteiro
Filho de pai brasileiro
Hijo de madre oriental

Não carrego pretensão
Mas não sou de me achicá
Decerto trouxe de alla
O gosto pela guitarra
Quando a saudade se agarra
Num bordoneio entonado
É o meu povo enforquilhado

Num bagual mandando garra

Sou assim apaisanado
Domador e guitareiro
Diariamente peão campeiro
Nas folgas campeio festa
Tapeio o chapéu na testa
Pra ver melhor as imagens
Talento fibra e coragem
Não se compra nem se empresta

Quem é do garrão da pátria
Alma sangue e procedência
O amor pela querência
Traz retratado na estampa
Retovos de casco e guampa
No repertorio da lida
Pra que o sentido da vida
Finque raízes na pampa

No cabo de uma solinge
Sou mais ligeiro que um gato
No aporreado um carrapato
Largando só no garrote
E macho pra me dar bote
Não se perca por afoito
Junte mais uns sete, oito
E me atropelem de lote

Numa milonga crioula
Numa chamarra gaúcha
Prego um grito de a la pucha
E me acomodo no embalo
Mateio ao canto do galo
Gosto do assunto bem claro
Se de a pé já não disparo
Quanto mais bem a cavalo

Na canção 1 podemos encontrar os seguintes espanholismos ou adaptações/traduições ao português: lobuna, hijo, madre, achicá, allá, guitarra, bagual, apaisanado, aporreado, garrote, retovos, chamarra, a la pucha, mateio. Percebe-se que há mais palavras castelhanas do que expressões aportuguesadas, ou traduzidas e adaptadas ao português, ou seja, há uma fidelidade ao sentido e a letra do texto base, portanto uma exotização segundo os critérios estabelecidos por Bermam (2013).

Canção 2: De vida e tempo (Rogério Villagran e Edilberto Bérghamo)

Quando tapeio o meu sombrero sobre
a nuca
O coração me cutuca, bate forte igual
cincerro
Sinto que o sangue pulsa mais forte
nas veias
Parece que me arrodeia o assombro
de Martin Fierro
Me criei solto, correndo pelo banhado
Gritando forte com o gado, nos dias
de lida bruta
No batoví, extraviei sonhos e mágoas
Que se olvidaram com as águas, das
cheias do reclusa

(Cortei caminhos em culatras e

fiadores
Erguendo penas e amores, num grito
largo de venha
Rondei recuerdos em noites de
calmarias
Aclimatando invernias na minha
pampa surenha)

Trago nos tentos poncho emalado e
saudade
De um tempo que foi verdade e a
cada aurora rebrota
A vida passa e a mala suerte se adoça
Depois que a espora faz mossa no
contra forte da bota

Nasci num rancho, quinchado de Santa Fé	Sou do Rio Grande, meu pago retrata a estampa
Sou de junco e aguapé, caraguatá e japecanga	De touro que afia a guampa nos cacurutos da sanga

Na canção 2 são encontradas palavras como: sombrero, olvidaram, penas, recuerdos, sureno, poncho, mala suerte, quinchado, pago. Mais uma vez não são adaptações, mas as próprias palavras (em língua espanhola) que prevalecem na letra da música nativista para representar as ideias e fortalecer a cultura gaúcha. E encontramos também a menção a Martín Fierro, um dos mais famosos *gauchos* da literatura argentina.

Canção 3: *Recuerdo* (Guilherme Collares)

Recuerdo sabe do tempo... Do meu sombrero maniado E o trotezito largo procurando o teu amor	de um rodeio bem parado em que um respeito trançado volteava os refulgador...
Recuerdo sabe do tempo, do meu ponchito listrado Voando na polvadeira de um corredor...	Recuerdo sabe do tempo das cruz de um baio encerado num trotezito ladeado pra minha flor,
Recuerdo adoça esta vida, que amarga se fez ausência De um passado que é distância gemendo em guitarrador	Recuerdo adoça esta vida que amarga se fez ausência de um passado que é distância gemendo em guitarrador ...
Recuerdo me trás de volta todo o sabor da querência Erguido na polvadeira de um corredor...	Recuerdo me trás de volta o sabor da querência perdido na polvadeira de um corredor
Recuerdo guarda saudade de um tempo que hoje é ausência E troteia na distância de uma vida que passou ...	Recuerdo guarda saudade de um tempo que hoje é ausência e troteia na distância de uma vida que passou
Recuerdo procura volta pra quem viveu a querência na curva de um caminho e não voltou;	Recuerdo procura a volta pra quem perdeu a querência na curva de algum caminho e não voltou...
Recuerdo sabe do tempo	

Na canção 3 se percebe uma mudança, pois são encontradas algumas expressões adaptadas/traduzidas à língua portuguesa, como: trotezito, ponchito, guitarrador. Mas também palavras originais da língua espanhola: recuerdo, sombrero, encerado e ladeado. Nessa canção há o uso de uma tradução hipertextual, isto é, para manter a cultura gaúcha representada, as palavras foram adaptadas/traduzidas à língua portuguesa, além das exotizações, sempre considerando a cultura como algo essencial em um processo tradutório

Canção 4: Cruzando na Villa Ansina (Anomar Danúbio Vieira)

Quando a noite me surpreende cruzando na Villa Ansina Da ventana sem cortina recende o cheiro da farra E uma inquietude me agarra entre fumaça e neblina	E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento
E uma inquietude me agarra entre fumaça e neblina	A noite se para pouca depois que armo o mundéu Brilha um pedaço de céu no olhar de cada morocha Que bailam de rédea frouxa no aperto desse escarcéu Que bailam de rédea frouxa no aperto desse escarcéu
Sujeito minha douradilha, troco meu pala de braço Me apeio ao som de um gaitaço na encruzilhada da vila E o mulhero se perfila na sala campeando espaço E o mulhero se perfila na sala campeando espaço	Hace tiempo Villa Ansina que tu me corta o caminho Pra quem vagueia sozinho é o templo da perdição Onde deixo o coração enredado de carinho Onde deixo o coração enredado de carinho
Refrão: A cordeona três ilheiras, por gaviona corcoveia Num ranchito de fronteira quinchado de lua cheia Alço o liso e fundo branco, pra clarear o pensamento E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento	A cordeona três ilheiras, por gaviona corcoveia Num ranchito de fronteira quinchado de lua cheia Alço o liso e fundo branco, pra clarear o pensamento E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento

Canção 5: Dobrando os Pelegos (Mauro Moraes, Luiz Marengo)

Me vou a cavalo de mala e cuia e se Deus quiser... Costeando a cerca com a alma presa num chamamé! Me vou a trote no serigote deste	gateado, que embora curto gruda o clinudo no meu costado. Saio garreado de peito inflado
---	---

abrindo picada...	do outro lado.
Sujo de terra o mundo nas rédeas chapéu fincado!	Devagarzito,
A volta vem e os calaveras se secam, tendo por perto os "pagos ajenos",	se afirma o tranco, boleando a perna, abrindo a guela num sapucaí!

Canção 6: Flor de yuyo (Luiz Marengo)

Minha florzita de yuyo Mas de yuyo perfumado Mantendo os olhos assim Te trago frente aos meus lábios Por isso ao guitarrear Me gusta tê-los fechados Sei que me fiz guitarreiro Quando Deus deu-me destreza Trazendo a lua pro bojo Desta guitarra campeira E que emprestaste teus lábios Pra dar cor a corticeira E que emprestaste teus lábios Pra dar cor a corticeira	Mas não teve medo o vento E te abanou com meu pala (duas vezes)
Tive ciúmes do sereno Flor de yuyo por regala E fiquei preso nos bastos Me perdendo em tua mirada	Depois da rosilha flor de yuyo Tive muitas outras potras Que estendi até teu rancho Pois até perdi a conta Mas só topei com a saudade Que cutucava ainda a outra Mas só topei com a saudade Que cutucava ainda a outra Fiz do inverno primavera Por mais que andasse emponchado Pois fechando os olhos assim Te trazia frente aos lábios Minha florzita de yuyo Mas de yuyo perfumado.

Nas canções 4, 5 e 6 também percebemos a utilização da adaptação/tradução à língua. Há palavras como: gaitaço, ranchito, devargazito, florzita, chamarrão, guitarrear, portanto, tradução hipertextual E há os espanholismos: Villa Ansina, ventana, pala, quinchado, morocha, hace tiempo, calaveras, pagos ajenos, yuyo, guitarra, me gusta, emponchado, ou seja, exotizações.

Além do léxico, encontramos nas canções analisadas semelhanças fonéticas como a pronúncia dos “rr”, e semelhanças sintáticas como a posição do verbo no verso “me gusta” e “me vou a cavalo”.

5. Análise dos dados

Nas canções nativistas podemos perceber que há uma conservação da cultura do gaúcho, entendendo aqui o termo como aquele nascido ou criado nos pampas, seja de Argentina, Brasil ou Uruguai, e que se identifica com a vida campeira e com os costumes e tradições desse povo, uma vez que há outras interpretações. Foram consideradas as seguintes categorias culturais para análise dos dados: amor à pátria e aos costumes e tradições campeiras; amor pela música e pelo violão e amor e respeito pela prenda.

O amor à pátria e aos costumes e tradições campeiras é representado nas canções nativistas, e pode ser visto nos trechos a seguir: *Sou assim apaisanado domador e guitareiro, diariamente peão campeiro, nas folgas campeio festa (...) Quem é do garrão da pátria, alma sangue e procedência, o amor pela querência, traz retratado na estampa (...)* (canção 1). *Me criei solto, correndo pelo banhado, gritando forte com o gado, nos dias de lida bruta, no batoví, extraviei sonhos e mágoas, que se olvidaram com as águas, das cheias do reculuta (...)* (canção 2).

Outro ponto da cultura gaúcha e que é marcado nas canções é a questão do amor pela música e pelo violão: *Não carrego pretensão, mas não sou de me achicá, decerto trouxe de allá, o gosto pela guitarra (...)* (canção 1). *Me apeio ao som de um gaitaço na encruzilhada da vila (...)* *E o baile acende no tranco de um chamarrão pacholento (...)* Canção 4. *Sei que me fiz guitareiro, quando Deus deu-me destreza, trazendo a lua pro bojo desta guitarra campeira (...)* (canção 6).

Também encontramos destacado nas canções o amor e respeito pela prenda: *Recuerdo sabe do tempo, do meu sombrero maniado, e o trotezito largo procurando o teu amor(...)* (canção 3). *Minha florzita de yuyo, mas de yuyo perfumado, mantendo os olhos assim, te trago frente aos meus lábios.* (canção 6).

Podemos perceber que nas canções há uma manutenção da cultura do ser gaúcho, e que embora não seja uma tradução literal pode ser considerada uma exotização, de acordo com Berman (2013), pois além de manterem vernáculos na língua estrangeira, neste caso no espanhol, o que retratam é a tradução de um sentimento, de uma identidade, através de músicas e palavras, que aproxima argentinos, uruguaios e brasileiros. E de acordo com Nord (2010), aspectos culturais são de extrema importância em projetos tradutórios.

Com relação aos interlocutores, elementos linguísticos e receptores, vemos que todos se manifestam de maneira satisfatória, contribuindo para o jogo comunicativo da tradução. As letras destinam-se a um público meta específico e conseguem passar a intenção e sentimentos de autores e intérpretes, com a colaboração intensa do léxico castelhano, que já está incorporado no linguajar do gaúcho brasileiro.

6. Considerações Finais

Como já foi perceptível, a língua espanhola se faz presente no cotidiano de um grupo de brasileiros através das canções nativistas e que provavelmente são incorporadas também na linguagem do dia a dia. Sendo assim, esse fator só vem a colaborar com o ensino do Espanhol como Língua Estrangeira (ELE) em escolas públicas e particulares brasileiras.

Temos no Brasil uma lei implantada em 2005 e que prevê a oferta obrigatória da língua espanhola no currículo do ensino médio de escolas de educação básica pública e particular, cabendo aos alunos a sua escolha, como pode ser observado no texto da Lei Nº 11.161, de 05 de agosto de 2005:

Art. 1º O ensino da língua espanhola, de oferta obrigatória pela escola e de matrícula facultativa para o aluno, será implantado, gradativamente, nos currículos plenos do ensino médio.

§ 1º O processo de implantação deverá estar concluído no prazo de cinco anos, a partir da implantação desta Lei. (...)

Art. 2º A oferta da língua espanhola pelas redes públicas de ensino deverá ser feita no horário regular de aula dos alunos.

Art. 3º Os sistemas públicos de ensino implantarão Centros de Ensino de Língua Estrangeira, cuja programação incluirá, necessariamente, a oferta de língua espanhola.

Art. 4º A rede privada poderá tornar disponível esta oferta por meio de diferentes estratégias que incluam desde aulas convencionais no horário normal dos alunos até a matrícula em cursos e Centro de Estudos de Língua Moderna.(...)

As escolas tiveram cinco anos para se preparem e cumprir a lei. No entanto, o problema maior é que uma boa parte das instituições nem chegam a ofertar o espanhol, o que dificulta ainda mais a valorização e aceitação da língua hispânica em contextos de território brasileiro.

Uma maneira de inserir a língua castelhana no ensino poderia ser através da música nativista. Desse modo, parte-se de um conhecimento que o próprio aluno já possui, como orienta Freire (1996):

Por isso mesmo pensar certo coloca ao professor ou, mais amplamente, à escola, o dever de não só respeitar os saberes com que os educandos, sobretudo os das classes populares, chegam a ela - saberes socialmente construídos na prática comunitária - mas também, como há mais de trinta anos venho sugerindo, discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. (...) Porque não estabelecer uma necessária "intimidade" entre os saberes curriculares fundamentais aos alunos e a experiência social que eles têm como indivíduos? (p. 16-17).

Além disso, o uso desse gênero possibilita um trabalho de ensino baseado na abordagem comunicativa de Dell Hymes Hathaway, introduzido em 1972. Este método, que aborda também a “competência comunicativa”, orienta para um ensino de língua estrangeira em que a gramática seja uma ferramenta para a aprendizagem e não seu foco principal, pois uma das principais preocupações é preparar o aluno para que saiba em quais situações pode utilizar os conhecimentos gramaticais adquiridos, além de ser esse conhecimento adequado ao contexto e à cultura em que o falante-ouvinte se encontra (OLIVEIRA, 2007, p. 65-66).

Com essa abordagem em sala de aula, adequada ao contexto e à realidade dos alunos, conseguiremos demonstrar a importância e necessidade do ensino da língua espanhola, ou dar um início a essa tentativa, uma vez que já se faz presente na cultura de muitos brasileiros.

Por fim, este artigo buscou demonstrar que a língua espanhola está presente no cotidiano do gaúcho brasileiro. Através da sua utilização nas músicas nativistas se traduz a cultura de um povo que se reconhece pelo modo de ser e viver, independentemente da nacionalidade, brasileira, argentina ou uruguaia.

De acordo com Marcon (2010), este estilo musical atua “como *agente*, soando as vivências dos sujeitos e constituindo modos de sentir o mundo (p. 1, grifo do autor)”. Ou seja, há uma tradução da cultura e dos costumes através da música.

Como as canções já estão presentes no dia a dia dos “gaúchos” e o léxico castelhano é frequente na linguagem, nada mais interessante que os professores utilizem esse gênero em sala de aula, uma vez que são cobrados por um ensino mais dinâmico e comunicativo.

Em fim, as canções nativistas podem ser grandes aliadas no ensino de língua espanhola, pois além de trazerem léxico dessa língua, mostram uma cultura que interliga e aproxima brasileiros, argentinos e uruguaios.

7. Referências

- Alvarez, I. (2009). Falar apaisanado: uma forma de designar as línguas na fronteira. Santa Maria, 2009. 83p. Dissertação (Mestrado em Letras, Área de Concentração em Estudos Linguísticos) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2009.
- Berman, A. (2013). A Tradução e a Letra ou o Albergue do Longínquo. Tradução: Marie-Hélène C. Torres; Mauri Furlan e Andreia Guerini. 2.e.d. Tubarão: Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013.
- Branco, N. Circulação de saberes nos dicionários: relações entre o sujeito gaúcho e o hispano-americano. V Seminário de estudos em análise do discurso: o acontecimento do discurso: filiações e rupturas. Porto Alegre – RS.
- Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG). Disponível em: www.cbtg.com.br Acesso em: 15 de maio de 2013.
- Freire, P. Pedagogia da autonomia. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/espanhol/pdf%5Cpedagogia_da_autonomia_-_paulofreire.pdf Acesso em: 16 de maio de 2013.
- Guimaraes, E. (2005). Apresentação Brasil: país multilíngue. *Cienc. Cult.* [online]. Vol. 57, n.2, pp. 22-23. ISSN 0009-6725.
- Laiño, M. (2010). Multiculturalismo: propostas de recontextualizações de fatos culturais na tradução de textos em livros didáticos. Florianópolis. 99p. Dissertação (Mestre em Estudos da Tradução, Área de Concentração Teoria, crítica e história da tradução). Universidade Federal de Santa Catarina.
- Laytano, D. (1981). O linguajar do Gaúcho Brasileiro. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes.
- Lei Nº 11.161. Presidência da República: casa civil. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ Ato2004-2006/2005/Lei/L11161.htm Acesso em: 16 de maio de 2013.
- Marcon, F. (2010). Música Nativista e Imaginários Gauchescos: sobre cantar opinando. *Música e Cultura, Revista Online de Etnomusicologia*. Nº 5, 9p. Disponível em: <http://www.musicaecultura.ufsc.br/mec-05.php> Acesso em: 11 jun. 2013.
- Mendonça, P. (2011). Tradicionalismo ou Nativismo. Porto Alegre. Disponível em: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/2895196> Acesso em: 09 de maio de 2013.
- Nord, C. (2010). Texto base – texto meta: Un modelo funcional de análisis pretraslativo. Tradução e adaptação: Christiane Nord.

Oliveira, L. (2007). O conceito de competência no ensino de línguas estrangeiras. *Sitientibus*, Feira de Santana, n.37, p.61-74, jul./dez.

Rivas, V. (2010). Português e espanhol em contato na fronteira Brasil/Bolívia. I CIPLOM: Foz do Iguaçu - Brasil, de 19 a 22 de outubro de 2010. p. 1 - 8.